

**Asas da Complexidade
de um Pássaro Tecelão:**
Outras re-flexões epistemológicas acerca
de uma ciência pela informação e conhecimento

Alan Curcino Pedreira da Silva*
Universidade Federal de Alagoas

Índice

1	<i>Re</i> : O prefixo de nossas flexões	2
2	Apresentando uma ciência Wersigniana de informação	4
3	Nas Asas da Complexidade	12
4	O <i>Re</i> como sufixo, além de outros inter-conceitos	13
5	Mais algumas considerações	15
6	Referências	17

*MSc. em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba e Doutorando em Turismo pela Universidad de San Martín de Porres. Professor da Universidade Federal de Alagoas. Membro-Pesquisador da Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção sobre (In)Formação, Currículo e Trabalho do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. E-mail: curcino@walla.com

Resumo

Discute a necessidade do trabalho epistemológico na Ciência da Informação. Apresenta a metáfora do pássaro tecelão de Gernot Wersig em uma interpretação de contribuição para a área, articulada a outra interpretação, do trabalho de Edgar Morin, o pensamento complexo, e as possibilidades dialógicas entre os discursos de tais pesquisadores, numa tentativa de compreensão do objeto científico da Ciência da Informação através da complexidade que lhe é inerente, em um exercício científico consciente.

1 *Re*: O prefixo de nossas flexões

Que belo tema de disputa sofística tu nos trazes,
Menon; é a teoria segundo a qual não se pode procurar
nem o que se conhece, nem o que não se conhece.
O que se conhece porque, conhecendo-o, não se tem
necessidade de procurá-lo; o que não se conhece porque
não se sabe o que se deve procurar.

Platão

Por evolução ou revolução, em meio a discussões do papel das instituições sociais no século XX, da responsabilidade da ciência moderna e das técnicas, do mito do progresso, da globalização e novas tecnologias, da cultura de massa e da manipulação social, novas disciplinas foram se consolidando como campos científicos a partir dos anos 50 e 60, a exemplo da Comunicação e Ciência da Informação (CI), preocupadas com a *mudança estrutural do fluxo da informação e do conhecimento*¹ neste contexto.

Essa consolidação de campos, contudo, não deve ser compreendida como estabelecimento de sólido terreno teórico nesse século, devido talvez a própria profusão de idéias que traduzissem

¹ Cf. Barreto (1999).

os acontecimentos da vida real. Em CI, por seu modo, a real ausência de um sólido terreno teórico é justificada por diversos autores pela natureza interdisciplinar da área, divergindo do tradicional controle de limites disciplinares.

Desde sua origem, a CI sob uma orientação político-social oscilou entre domínios humano/social e tecnológico, tendo dupla raiz, a bibliografia/documentação e a recuperação da informação, evidenciando por sua natureza interdisciplinar a própria fluidez de seu objeto de estudo, a "informação". "A informação tornou-se uma noção que pretende imperar sobre todas as coisas físicas, biológicas e humanas. Pretende agora reinar da entropia ao antropos, da matéria ao espírito"(MORIN, 1977, p. 284).

Essa fluidez do objeto de estudo da CI determina o que González de Gómez denominou de *estratificação da informação*². Para a autora, este caráter estratificado da informação "justifica, aliás, a orientação interdisciplinar ou transdisciplinar do campo, na medida em que este se vê obrigado a trabalhar na articulação das plurais dimensões do objeto informacional: semânticas, sintáticas, institucionais, infraestruturais, entre outras". Nessa articulação, a informação é designada "um componente principal da construção epistêmica das sociedades contemporâneas", sendo disputada a legitimação de sua definição por diversas "arenas metadiscursivas". (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2001, p. 2 et seq.)

Desse modo, "*dialogue between epistemology and information science which began fairly recently has a long tradition with regard to the concept of information*". (CAPURRO, 2001, p. 2, grifo nosso)

Daí a relevância dos poucos estudos de Epistemologia e Ciência da Informação produzidos. No Brasil, o trabalho de doutorado de Pinheiro (1997), intitulado *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*, já apontava essa questão, enfatizando a demanda de novos estudos teórico-epistemológicos à área.

² Cf. González de Gómez (1999).

Diante da profusão de teorias epistemológicas, adotamos neste *paper* o pensamento complexo enquanto uma perspectiva ímpar para refletirmos a CI, discutindo algumas premissas de seu estatuto científico, na compreensão de sua natureza como então transdisciplinar.

Para tanto, basearemos-nos na transdisciplinaridade em sua compreensão enquanto uma categoria fundamental do pensamento complexo. Grande idealizador desse pensamento, Morin o concebeu como resposta ao reducionismo e aos limites impostos pelos paradigmas clássicos positivista, de herança cartesiano-mecanicista, e marxista, unificadores e homogeneizadores do mundo. Sem pretender os anular, o pensamento complexo assim não o faz, ele os dialetiza em diálogo e discussão com dimensões da vida ligadas à subjetividade, experiência, cotidianidade, como a desordem, o erro, a incerteza, o caos, categorias antes banalizadas pelos próprios paradigmas clássicos.³

Ainda como metodologia da elaboração deste *paper*, a fim de serem empreendidas nossas reflexões, partimos a seguir da perspectiva do *pássaro tecelão* de Wersig (1992), desenvolvida em seu trabalho intitulado *Information science and theory: a weaver bird's perspective*, proferido na importante International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, realizada em 1991 na Finlândia, onde foram discutidas perspectivas teóricas, empíricas e históricas da CI no limiar do século.

2 Apresentando uma ciência Wersigniana de informação

Em *Information science and theory: a weaver bird's perspective*, Wersig utiliza o *pássaro tecelão* como símbolo metafórico do exercício teórico da CI. Nesse seu trabalho, identifica como

³ Cf. Morin (2001, 2000, 1999, 1998, 1996, 1991, 1977)

problema da CI a questão da **teoria**, na sua construção e determinação, como *framework* e *background* da/para área.

Partindo da desmistificação da CI confundida como uma disciplina reconhecida da Biblioteconomia, Wersig indica a emergência de uma preocupação científica demandada pelo desenvolvimento que se iniciou (e para ele talvez ainda se inicia) da *mutabilidade do conhecimento*, tendo como fenômeno demarcador de seu corte epistemológico a explosão informacional.

Wersig caracteriza essa mudança do papel do conhecimento como *evolucionária*, pautada em duas dimensões, “uma de origem filosófica, e a outra tecnológica”, observadas pelas reconfigurações da nova sociedade, por alguns denominada “pós-industrial” ou “pós-moderna”. Por essas dimensões, ainda considera quatro situações, as quais nos deteremos a seguir, relatadas como relevantes na compreensão da teoria em seu estudo, referentes ao advento das novas tecnologias: a) a *despersonalização do conhecimento*; b) a *credibilidade do conhecimento*; c) a *fragmentação do conhecimento*; e d) a *racionalização do conhecimento*. (op. cit., p. 204 et seq.)

Por *despersonalização do conhecimento*, entende Wersig:

This situation [a despersonalização do conhecimento] is now intensified with new communication technologies which offer greater ranges of somehow depersonalized communication technologies [...]: on-line data banks, CD-ROM, electronic mail, videoconferences, optical discs, multimedia systems. The source of the knowledge becomes less apparent, the use of the knowledge becomes by increased interactivity of the systems more personal (without the individual necessarily being able to deal with that new way of personalization or individualization of knowledge). (op. cit., p. 205-206)

Dessa forma, a despersonalização do conhecimento é referente às mudanças ocorridas nos processos (formas/práticas) de

transferência e disseminação da informação e do conhecimento, acarretadas pelas *tecnologias da comunicação*.

Por *credibilidade do conhecimento*, Wersig aponta a situação em que a sociedade passa a outorgar cada vez mais credibilidade ao conhecimento atestado pelas tecnologias, por ele denominadas de *tecnologias de observação*. Do âmbito científico ao social, essas tecnologias se expandem como que fundamentadas na provação do conhecimento produzido em observação do mundo. Agora as próprias tecnologias intensificam a promoção dessa observação do mundo. De fundamentadas, tornam-se fundamentos.

Há que ressaltar que Wersig nos lembra, como advertência, que, se um dos mais importantes fatores que envolvem a credibilidade do conhecimento é a pessoa produtora que o origina, com a despersonalização do conhecimento o ser humano perde esta identificação. Haveria, assim, dificuldade em aceitar um conhecimento ou discernir sobre qual conhecimento aceitar.

E a situação ainda se torna mais complicada com o avanço dessas tecnologias, conforme nos informa Wersig:

As we all know, by the phenomenon of digitalization all kinds of observations made with all manner of technologies become the subject of further processing, manipulation, and transformation by data processing technology. Therefore we have to be increasingly careful with observation data in two respects: first we have to believe the capturing technology and then we have to take into account what might have happened to the raw data in process of transformation. To believe in knowledge we have to be very critical of the capturing and manipulation technologies.(op. cit., p. 206)

Já por *fragmentação do conhecimento* Wersig discorre:

For several centuries the spoken word and the printed word have dominated. We now not only have

a wide range of unconnected and connected technologies to present knowledge – desk – top publishing, computer graphics, computer animation, computer simulation, optical cards and disks, data banks, to name only some – but a more and more differentiating system of knowledge-presenting organizations and media – publishing houses, television, movies, software houses, disk producers, multimedia producers, etc. Although there are organizational cross-connections, the whole field of presentation of knowledge has become vere differentiated and thus confusing. (op. cit., p. 207)

Nesse sentido, o problema da fragmentação do conhecimento é sustentado em uma tríade composta pela fragmentação da *produção*, da *representação* e da *necessidade* de conhecimento.

Por último, a *racionalização do conhecimento* é descrita referente às *tecnologias de informação* compreendidas enquanto *tecnologias de mensuração*.

A *racionalização do conhecimento* basicamente foi provocada pela racionalidade técnico-científica da sociedade ocidental. Nesta racionalidade, o conhecimento seria um vetor de organização social, incrementado com o advento das novas tecnologias, dizendo respeito a não qualquer possibilidade de conhecimento, mas a um *conhecimento de cálculo orientado*, ou seja, mensurável, baseado na generalidade empírica, provação e possibilidade de seqüência. Racionalizara-se a ação humana em círculo.

Tudo medido, calculado, reduzido. No entanto, nem todos os tipos de conhecimento podem ser assim trabalhados, percebidos, apreendidos. Esta foi uma racionalidade imposta, mas não seria a única, haveria outros modos de comportamento racional.

Wersig chama atenção, assim, que "*rational behaviour; in all senses of 'rational', needs knowledge*". O conhecimento se configura em algo que suporta uma ação específica numa situação específica. Daí a máxima alemã: "*information is knowledge in action*". (op. cit., p. 208)

Diante de toda a situação da *mutabilidade do conhecimento*, o comportamento racional tem se tornado mais complexo. No uso do conhecimento as pessoas precisam de ajuda. A história da CI se confundiu, então, com a história da construção de sistemas de informação para apoio ao uso do conhecimento. A CI, portanto, talvez no seu desenvolvimento tenha somente dito respeito ao reforço dos efeitos das tecnologias no uso do conhecimento.

Contudo, Wersig indaga:

But we could treat that as a childhood disease if we now wake up and realize that the main objective of information science is people (or more broadly: actors) confused by the situation of knowledge usage [...] There is need for people to be educated to behave in this knowledge environment, there is need for rules and guidance for these people, for systems and other means of helping them to find their way. How can we deal with the de-personalization of knowledge, the problem of its secondary nature and its fragmentation and how can we develop appropriate alternative modes of rationalization open to all kinds of knowledge?
(op. cit., p. 209)

Sendo o ser humano o principal foco da CI, essas questões acima demonstram a necessidade e relevância desta ciência.

Mas é difícil a aceitação dessa necessidade e relevância. As respostas às questões não são rapidamente, ou tão facilmente, evidenciadas. Há um problema de legitimidade de exercício da própria CI para suas respostas na busca de respostas. E esse problema de legitimidade é provocado pelo próprio objeto da CI, a informação, e seu foco, o ser humano. Concepções fluidas. Desse modo, a CI não se caracterizaria em moldes de uma ciência clássica ou tradicional, com um único objeto e método próprio. Para Wersig, isto indica o que Habermas denominou de "*new complexity*", conforme discorre sobre as novas perspectivas da ciência:

[...] science has reached a new stage possibly leading to the development of what one might call new science or postmodern science. From its very beginning science has been a human activity to deal with human fears like hunger, loneliness, disease. This has been very successful on one hand, but on the other the price was that in the second half of our century sciences and their offspring, technologies, themselves became sources of new fears like environmental pollution, gene technology, artificial intelligence, military technology, hidden persuaders, etc. (op. cit.)

É nesse ambiente que se configura a CI, em que os limites da tecnociência se tornam cada vez mais visíveis, latentes.

O senso comum procura resposta às mazelas e inequidades em alternativos círculos, esoteria, etc. De outro lado, surgem novas disciplinas frente a tais preocupações, a exemplo da *ecologia*, *estudos de paz*, *controle tecnológico*, cada vez mais se desenvolvendo a prática das relações disciplinares (inter/multi/trans...).

Nesse sentido, Wersig aponta a CI como um protótipo de uma nova ciência ou uma ciência pós-moderna⁴. E diante disso tudo, coloca duas questões cruciais, que diz não saber responder (ainda):

Will the new kind of science be organized similarly to the traditional disciplines as disciplines or rather as fields of study? If so, them "information science" will not become a discipline but has to find another organizational scheme (as the other fields of the new science).

Will the field of study concerned with the new situation of knowledge in the long run be called "information something"? It is certainly a necessary fi-

⁴ Mais tarde, Wersig continuou a desenvolver a compreensão da CI enquanto uma ciência pós-moderna (cf. WERSIG, 1993). No Brasil, CARDOSO (1996) partiu dessa compreensão de Wersig no estudo da CI e pós-modernidade.

eld of scientific activity but its label will be decided by those people who first start to understand the underlying problem and to convince the scientific community of their expertise. Information scientists still have the chance. (op. cit., p. 211)

Assim Wersig evidencia a importância do trabalho teórico à CI. Esta é a chance dos cientistas da informação. Teoria não desassociada da reflexão metodológica da área, o que ele propõe em observância a três estágios de exercício científico:

I. Modelos básicos de redefinição de categorias científicas

Wersig considera a construção de modelos básicos de redefinição de categorias científicas para a CI o primeiro passo no exercício teórico. Desse modo, diz:

[...] the first step in theory-building would be to take such - relevant - existing broad concepts/models, confront them with processes of reality, ask for their potential purpose in information science and then reformulate them or go on to newly created models. (op. cit., p. 213)

II. Reformulação científica de inter-conceitos

Como segundo passo, Wersig propõe a reformulação de inter-conceitos, dando exemplo do que ele considera ser o conceito básico em sua proposta de construção de uma compreensão da CI. Este conceito básico seria o *conhecimento*. O conhecimento se demonstra um inter-conceito na medida em que não podemos compreender sua concepção em todas suas manifestações científicas, apesar de percebemos como também unidade dessas. Daí "*psychology of knowledge, sociology of knowledge, theory of cognition, classification research, cognition science, knowledge-based systems*". Assim, para Wersig:

They are concepts of strong self-evidence, of an apparent familiarity, they penetrate a wide range of disciplines and common discourses; but themselves do not have a scientific domicile. Scientific re-formulation of these concepts will mean we take them, look for all their embodiments, follow them back to their roots in human evolution, find those crossroads where the diversification of disciplines in regard to the respective inter-concept took place. (op. cit., p. 213-214)

III. Entrelaço de modelos e inter-conceitos

O trabalho inter-conceitual, enquanto entrelaço de modelos e inter-conceitos, deve ser entendido não como uma tentativa da área da CI monopolizar conceitos como conhecimento, informação e imagem, mas deve ser entendido como uma necessidade de compreensão geral dos conceitos utilizados pela área para a formulação de estratégias e políticas. Por conseguinte, Wersig assinala que o trabalho teórico em CI é uma *extensão do trabalho inter-conceitual*, e que pode ser considerado como: *evolucionário, sinóptico e transdisciplinar*. (op. cit.)

Este trabalho teórico da CI é simbolizado por Wersig como o *pássaro tecelão*. O trabalho do *pássaro tecelão* reflete o exercício de desenvolver e articular inter-conceitos, como que tecendo uma tapeçaria, com fios coloridos e pontos diversificados, em busca de um belo resultado.

Foge ao nosso propósito empreender aqui uma análise detalhada desta perspectiva wersigniana do *pássaro tecelão*, contrastativa da CI como um protótipo de nova ou ciência pós-moderna. Não obstante, no que diz respeito aos estágios considerados no problema teórico da área, deteremo-nos ao terceiro, o *entrelaço de modelos e inter-conceitos*, por meio de referências do pensamento complexo, uma vez que o consideramos convergir a consideração do trabalho teórico inter-conceitual em CI como transdisciplinar.

3 Nas Asas da Complexidade

Morin, o idealizador do pensamento da complexidade, refere-se a ela em sua própria essência, na concepção latina fundamental do termo *complexus*, que significa **aquilo que é tecido junto**. Para Morin, a complexidade consiste, dessa maneira, num incansável exercício de ligação e re-ligação das coisas que constituem o conjunto, como numa *tapeçaria*⁵, como no entrelaço tecido pelo *pássaro tecelão*. Por esta razão, parece-nos esse pensamento ser aqui o mais adequado para dialogarmos em dialética epistemológica a perspectiva wersigniana do *pássaro tecelão*.

Se aqui não nos interessa decorrer compêndio sobre o pensamento complexo, mas desenvolver, através dele, re-flexões acerca da natureza da CI como transdisciplinar, isto só poderia ser possível visitando primeiramente este pensamento em sua identificação do verdadeiro problema da construção do conhecimento, como bem nos diz o pensador:

O verdadeiro problema (de reforma do pensamento) é que nós aprendemos muito bem a separar. É melhor reaprender a religar.

Religar quer dizer não apenas estabelecer uma conexão completa, mas estabelecer uma conexão que faça um círculo completo. Aliás, na palavra religar há a partícula “re”, ligar de novo.[...]

Ela [a religação] é uma necessidade vital para o pensamento, para o desabrochar dos seres humanos, que precisam da amizade e de amor e que, sem isso, definham e se amarguram. (MORIN, 2001, p. 52-53)

Nesse sentido, compreendemos o primeiro atributo do que seria transdisciplinaridade, a religação de saberes na construção do conhecimento. Torna-se, assim, religar, religações, em asas da

⁵ Desde a concepção do pensamento complexo, o autor utiliza a metáfora da *tapeçaria* para compreensão do método da complexidade.

complexidade da ciência, já que tratamos de um pássaro tecelão, da própria CI.

O entendimento de Wersig da CI, enquanto uma “nova ciência” nessa perspectiva, converge ao entendimento de Morin da necessidade de uma *scienza nuova, com consciência*, intelectual e ético-política, disposta ao exercício da religação.

Morin toma emprestado de Vico o termo *scienza nuova* para designar não somente uma ciência nova, mas uma nova compreensão de ciência, uma compreensão que exercita a religação, na apreensão da unidade do saber disciplinarizado e da diversidade dos saberes, da continuidade e das rupturas.

Trata-se de uma transformação multidimensional do que entendemos por ciência, respeitante ao que parecia constituir alguns dos seus imperativos intangíveis, a começar pela inevitabilidade da parcelarização disciplinar e da fragmentação teórica. (MORIN, 1991, p. 60)

De nossa parte, corroboramos com Wersig e Morin. Vemos a possibilidade da CI se caracterizar em uma *scienza nuova* ou nova ciência de/com consciência. E, disso, partimos para o vôo do pássaro.

4 O Re como sufixo, além de outros inter-conceitos

Wersig nos trouxe à discussão a CI como uma nova ciência, ou como uma ciência pós-moderna, divergindo tal entendimento das tradicionais configurações de ciência, através de sua perspectiva do *pássaro tecelão*. Se "indubitavelmente" a CI é por natureza interdisciplinar, ao voar, o *pássaro tecelão* exercita suas asas em transdisciplinaridade rumo a novos horizontes. Analogamente, essa perspectiva wersigiana nos faz percebermos, considerando-nos estudiosos/estudantes/cientistas da informação, o quão somos tecelões, o quão a ciência é um pássaro.

Do nosso modo, somos tecelões de uma ciência que, também se assim metaforicamente podermos considerá-la, constituiu-se numa interminável *colcha de retalhos*. Tecemo-la aspirando a destreza e a liberdade daquele *pássaro tecelão*. Somos *bricoleurs*. Tecemos bricolagem. Fazemos interdisciplinaridade na tentativa da transdisciplinaridade. E assim, do nosso modo, temos uma responsabilidade.

Dessa forma, ora a CI é a *colcha* tecida, ora é o próprio *pássaro tecelão*. Num instante, ou apenas perspectiva observável, o rumo da CI pode ser influenciado por aqueles que a tecem. Como alguns fios da peça da esposa de Odisseu, entretanto, o que fora tecido por esses sujeitos foge aos olhos a cada amanhecer, antes existente ao último crepúsculo. E o que foge é a imagem do pássaro. Livre, fugaz como uma coruja que voa à noite e se recolhe ao amanhecer.

A coruja, apropriadamente concebida pela mitologia grega como pássaro do conhecimento, ave companheira e súdita de Minerva, presente de Zeus à deusa, ainda nos traz, por seu vôo, outra face do pássaro CI. Talvez a coruja não seja tecelã, mas, ao seu vôo crepuscular, abre as suas asas em toda envergadura, levando, como presente, a sabedoria aos mortais, que na terra, ao observarem, tecem. E talvez a sabedoria seja apenas fios, que, ao serem jogados, são recolhidos pelos tecelões, por alguns tecelões.

Tecem assim os mortais. Tecem como exercício. Transformam o exercício em técnica.

Neste mesmo imaginário mitológico, a arte ou ação de tecer não é reconhecida, no entanto, como virtude da deusa possuidora da coruja. A tecelagem, como todas as outras atividades manuais, como a caça, etc., foram atribuídas a Artemis, deusa das *technè*.

Nessa história dos mitos associada à metáfora do *pássaro tecelão* qual seria a causa de Artemis ser reverenciada pelo que é tecido? Afinal de contas, os fios são providências de Minerva. Estariam os tecelões temerosos a fúria de Artemis contra aqueles que a ela não se curvarem? Ainda pela mitologia, temos o exemplo da donzela Aracne, que, ao proclamar ter aprendido a tecer tão

maravilhosamente quanto Artemis, desafiou a um duelo a deusa, que vendo o momento de ser vencida pela mortal, transformou-a rapidamente em aranha, a fiar eternamente. Tememos uma maldição da deusa das *technè*? Ou será que sem perceber já a desafiamos e fomos transformados em aranhas a tecer eternamente uma *world-wide web*?

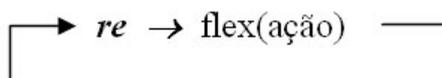
Como *aranhas tecelãs*, em nosso âmago, aspiramos ser *pássaros tecelões*. Mas em nossa limitação somos presos de ponta à cabeça a um fio em nosso mundo circunscrito à *web*. Trazemos, dessa maneira, por um questionamento mito-poético das tecnologias como um problema paradigmático da humanidade, na metáfora da teia, a evidente oscilação da natureza da CI, oscilação entre o tecnológico e o social/humano. Enquanto mortais, construtores da ciência, oscilamos entre homens e aranhas que tecem.

Nessa dualidade, duas também são as alternativas que não de ser "desfechos" da estória: uma de morte, outra de possibilidade. Essas são alternativas do devir de tecelões transformados em aranhas: ou viram alimento de pássaro, ou se tornam seus passageiros, subindo em suas asas, em carona ao crepúsculo, tecendo fios pelos pontos por onde passa, acompanhando, seguros à plumagem, os fios também costurados pela ave.

5 Mais algumas considerações

Todo esse percurso ulterior recorre a uma metodologia propedêutica à CI na conclusão deste *paper*. Demonstra nossa recorrência ao pensamento complexo como um exercício epistemológico com outras possibilidades, utilizado para/na compreensão das (re)construções da CI.

Nesta conclusão, as possibilidades últimas da *aranha tecelã* representam a busca vigilante, reflexão enquanto teoria e método, enquanto perspectivas político-epistemológicas acerca da CI, como retorno constante às indagações primeiras da ciência em seu campo pragmático de ação. Apenas *re-flexão*. O *re*, flexionado em volta, portanto, torna-se de prefixo a sufixo enquanto ação. Torna-se



O que seria fim último, a flexão, transforma-se em fim primeiro. Sufixo em ação, em retorno.

O desenvolvimento do título do trabalho de Capurro (1992), *What is Information Science for? A philosophical reflection*, apresentado na já citada International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies of the University of Tampere, no seu decorrer demonstra a importância do termo último da primeira oração, enquanto um sufixo *re-flexionado*, a preposição *for* flexionada para a ciência, justificada enquanto *philosophical reflection*.

Pelo trabalho, a questão *what is Information Science?* sem a preposição pede como resposta uma caracterização substancial do objeto de estudo da CI. Por sua vez, *what is Information Science for?* nos leva a reflexão de uma perspectiva cognitivista, mas que a ultrapassa, na busca de outras, nos campos pragmático, histórico-cultural e retórico, evidenciando o humano na CI enquanto seu principal conceito, e não a pura e simples informação, desagregada da vida *antropossocial*.

What + for fazem a diferença numa abordagem complexa à ciência por aqueles que assim se permitirem enveredar. *What is information for? What is information study for? What is epistemology of the information for?* Sem tentar aqui elaborar respostas para essas perguntas, seu desencadeamento nos remete a questão-problema da humanidade na perspectiva da CI, o desenvolvimento humano - em seu atual processo em que a informação e o conhecimento se tornam paradigma(tica)s.

Em síntese, pela necessária constância da *re-flexão* teórica na assunção de um campo para nossas vidas, como uma ação epistemológica para/acerca da CI em sua complexidade, como exercício dialógico entre tradicionais e novos olhares à ciência, olhares multirreferenciais na tentativa do fazer transdisciplinar, ratifica-

mos o decorrido neste *paper* através das palavras últimas trazidas abaixo de Wersig, fazendo delas nossas, como também justificativa.

There is no information science, there is no theory, and if this is all, this is a rather short paper. But should there not be something more? There are great many intelligent people who have chosen this field for their life, there is a kind of fascination connected with the idea of information, which has given rise to enormous heaps of paper not restricted to information science as it understands itself. If we consider ourselves as scientists we have to start looking through that surface layer of documents, systems and institutions which have very often attracted our senses so much that we were not able to look behind them for the deeper structures. (WERSIG, 1992, p. 204)

6 Referências

- BARRETO, A. *Mudança Estrutural no Fluxo do Conhecimento: a comunicação eletrônica*. Disponível em: <http://www.alternex.com.br/~aldoibict/estrutura/estrutural.htm>. Acessado em: 28 mai. 1999.
- CAPURRO, Rafael. *Epistemology and Information Science*. Disponível em: <http://www.capurro.de/trita.htm>. Acessado em: 10 abr. 2001.
- CAPURRO, Rafael. What is Information Science for? A philosophical reflection. In: VAKKARI, Pertti e CRONIN, Blaise (eds.). *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Proceedings of the International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland, August, 26-28, 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 82-96.

- CARDOSO, Ana Maria. *Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? Perspec. Ci. Inf.* Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996.
- CASTELLS, Manuel. *A era da Informação: economia, sociedade e cultura*; vol. 1. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, Moacir. Educação do Futuro. In: _____. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Periópolis, 2000. (Série Brasil cidadão)
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. *Informare*, vol. 5, n. 2, p. 7-31, 1999.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. *Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação*. Texto didático revisado, jun. 2001, 21p. [Utilizado no curso Perspectivas em Ciência da Informação, ministrada pela referida autora, através do CMCI/UFPB, no semestre letivo 2001.1]
- MORIN, Edgar. Religar a ciência e os cidadãos. In: PENA-VEJA, Alfredo et. al. (orgs.). *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 47-53.
- MORIN, Edgar. *Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. (Série idéias sustentáveis)
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991. (Coleção Epistemologia e Sociedade)
- MORIN, Edgar. *O Método 1. A natureza da natureza*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

- MORIN, Edgar. *O Método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999.
- MORIN, Edgar. *O Método 4. As idéias - habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.
- MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Periópolis, 2000. (Série nova consciência)
- PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 1997. Tese (Doutorado em Comunicação).
- SERPA, Luiz Felipe Perret. Perspectivas da ciência no próximo milênio. In: DIAS, André Luis Mattedi (org.); et al. *Perspectivas em epistemologia e história das ciências*. Feira de Santana: UFFS, 1997. p. 25-31.
- WERSIG, Gernot. Information science: The study of postmodern knowledge usage. *Information Processing and Management*, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.
- WERSIG, Gernot. Information science and theory: a weaver bird's perspective. In: VAKKARI, Pertti e CRONIN, Blaise (eds.). *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Proceedings of the International Conference for the celebration of 20th anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland, August, 26-28, 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 201-217.